Curso de Bacharelado em Biblioteconomia na Modalidade a Distância

Mariangela Braga Norte

Inglês Instrumental

Semestre

2

Presidência da República

Ministério da Educação

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Diretoria de Educação a Distância (DED)

Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB)

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Núcleo de Educação a Distância (NEAD)

Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC)

Departamento de Biblioteconomia

Leitor
Christine Siqueira Nicolaides

Comissão Técnica
Célia Regina Simonetti Barbalho
Helen Beatriz Frota Rozados
Henriette Ferreira Gomes
Marta Lígia Pomim Valentim

Comissão de Gerenciamento
Mariza Russo *(in memoriam)*
Ana Maria Ferreira de Carvalho
Maria José Veloso da Costa Santos
Nadir Ferreira Alves
Nysia Oliveira de Sá

Equipe de apoio
Eliana Taborda Garcia Santos
José Antonio Gameiro Salles
Maria Cristina Paiva
Miriam Ferreira Freire Dias
Rômulo Magnus de Melo
Solange de Souza Alves da Silva

Coordenação de Desenvolvimento Instrucional
Cristine Costa Barreto

Desenvolvimento instrucional
Renata Vittoretti

Diagramação
André Guimarães de Souza

Revisão de língua portuguesa
Mariana Caser

Projeto gráfico e capa
André Guimarães de Souza
Patricia Seabra

Normalização
Dox Gestão da Informação

N822i Norte, Mariangela Braga.
Inglês instrumental / Mariangela Braga Norte ; [leitora] Christine Siqueira Nicolaides. – Brasília, DF : CAPES : UAB ; Rio de Janeiro, RJ : Departamento de Biblioteconomia, FACC/UFRJ, 2018.
96 p. : il.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-85229-18-4 (brochura)
ISBN 978-85-85229-19-1 (e-book)

1. Linguagem e línguas. I. Nicolaides, Christine Siqueira. II. Título.

CDD 428
CDU 811.111

Catalogação na publicação por: Solange Souza CRB-7 / 6646

Caro leitor,

A licença CC-BY-NC-AS, adotada pela UAB para os materiais didáticos do Projeto BibEaD, permite que outros remixem, adaptem e criem a partir desses materiais para fins não comerciais, desde que lhes atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. No interesse da excelência dos materiais didáticos que compõem o Curso Nacional de Biblioteconomia na modalidade a distância, foram empreendidos esforços de dezenas de autores de todas as regiões do Brasil, além de outros profissionais especialistas, a fim de minimizar inconsistências e possíveis incorreções. Nesse sentido, asseguramos que serão bem recebidas sugestões de ajustes, de correções e de atualizações, caso seja identificada a necessidade destes pelos usuários do material ora apresentado.

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE QUADROS

SUMÁRIO

UNIDADE 1

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA LEITURA

1.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar uma reflexão sobre o conceito de leitura e de leitura instrumental.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

a) conceituar leitura;

b) definir o que são línguas para fins específicos e/ou *English for Specific Purposes* (ESP);

c) identificar os níveis e estratégias de leitura que utilizamos quando lemos.

1.3 O QUE É LEITURA?

> *Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.*
>
> (Paulo Freire)[1]

Ler não é somente decodificar signos linguísticos, não basta saber ler que Eva viu a uva (FREIRE, 1991). A leitura é um processo de compreensão abrangente e envolve fatores cognitivos, sociais, emocionais, culturais, econômicos, políticos etc. Depende também das experiências prévias do leitor, de seu conhecimento linguístico, do contexto semântico, da interação entre o leitor e o texto. Cada leitor constrói sua própria leitura, e essa depende de seu *background knowledge*. Assim, se um sociólogo ler a afirmação de *Paulo Freire*, fará uma leitura, o pedagogo fará a sua leitura, o proprietário das videiras fará a sua leitura, o trabalhador e o comprador das uvas construirão seu significado e assim sucessivamente (pluralidade da leitura).

Background knowledge, na língua inglesa, é uma expressão que se refere ao **conhecimento anterior** do leitor.

Figura 1 – O educador e filósofo *Paulo Freire* propôs um método para a alfabetização de adultos que criticava o sistema tradicional das cartilhas.

Fonte: Wikipédia (2006).[2]

O sistema tradicional de cartilhas utilizava a repetição de palavras soltas ou de frases criadas de forma forçosa, desconectada da realidade dos alunos, tais como "Eva viu a uva", "O bebê baba", entre muitas outras. *Freire* propôs a utilização de palavras e expressões do universo vocabular dos alunos (palavras geradoras), que tivessem significado para os aprendizes, utilizadas como base para as lições e para discussões que promovessem a conscientização acerca de problemas cotidianos e da realidade social.

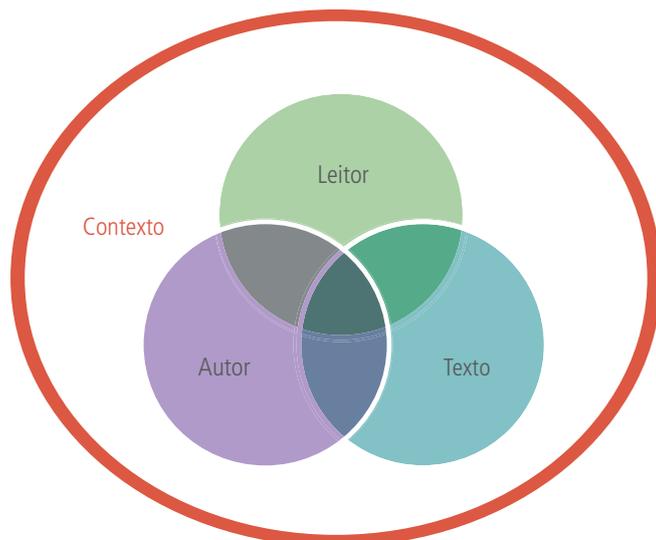
[1] FREIRE, Paulo. **Educação na cidade**. [S.l.: s.n.], 1991.
[2] Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A9todo_Paulo_Freire#/media/File:Method_Paulo_Freire.jpg>. Acesso em: 10 fev. 2020.

As leituras não estão restritas apenas ao conhecimento da língua ou a textos escritos. Lemos situações, olhares, gestos, gravuras, o tempo, pinturas, sinais de trânsito, a sorte na mão, a felicidade ou tristeza nos olhos das pessoas; enfim, lemos o mundo que nos rodeia. A leitura vai, portanto, além do texto e começa antes do contato com ele.

Figura 2 – O que essas imagens significam para você? Que tipo de leitura você faz ao observá-las? Ler está para além da codificação de textos escritos. Lemos o mundo ao nosso redor, todo o tempo e, dependendo do conhecimento anterior de quem lê, muitas vezes os significados podem variar bastante.

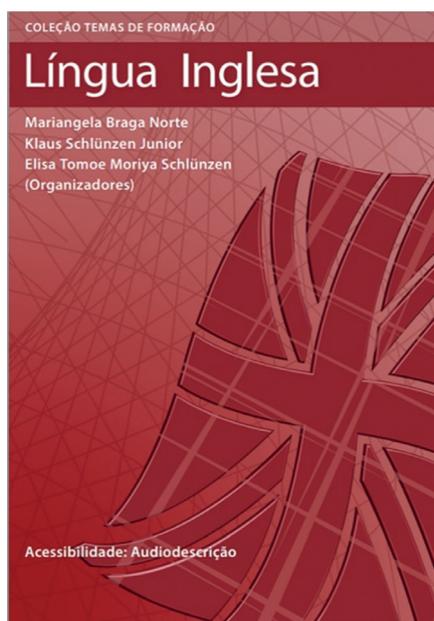
Fonte: imagens da *Internet* (20--?).

Ler é um ato de comunicação em que três componentes principais interagem: o **leitor** (com suas experiências e conhecimentos pessoais), o **autor/texto** (conjunto discursivo pautado em seu conhecimento de mundo) e o **contexto** (físico e psicológico). O ato de ler é, portanto, o estabelecimento de relações, a realização de operações de linguagem para construir sentido(s) (PIETRARÓIA, 1987).

Figura 3 – Ler é um ato de comunicação interativa com três componentes principais: leitor, autor e texto, interagindo dentro de determinado contexto.

Fonte: produção do próprio autor (2017).

Explicativo

Encontramos diferentes definições para o processo de leitura. Aprenda mais sobre esse tema acessando um dos cadernos da coleção *Temas de Formação*, que fala sobre acessibilidade e audiodescrição (Figura 4), no *link*: <http://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/179739/3/unesp-nead-redefor_ebook_coltemasform_linguainglesa_v4_audiodesc_20141113.pdf>.

Figura 4 – Caderno da coleção *Temas de Formação: Acessibilidade e Audiodescrição*

Fonte: acervo digital da *Universidade Estadual Paulista (UNESP)* (2014).

A relação entre leitor e texto está intimamente relacionada ao interesse ou necessidade de quem lê. Ou seja, ela está voltada para o fim específico a que aquele conteúdo se destina. Nesta unidade, vamos conversar um pouco mais acerca da aprendizagem de línguas estrangeiras – e, em especial, da língua inglesa – e sua utilização em fins específicos.

Atenção

A leitura vai além do texto e começa antes do contato com ele.

1.4 O QUE SÃO LÍNGUAS PARA FINS ESPECÍFICOS?

Tell me what you need English for and I will tell you the English that you need.

(Hutchinson & Waters)[3]

Figura 5 – *Jimmy Carter* e o líder polonês *Edward Gierek*, na visita do então presidente americano à Varsóvia, em 1977

Fonte: indisponível.

[3] HUTCHINSON, T.; WATERS, A. **English for specific purposes:** a learning-centred approach. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

Em dezembro de 1977, o então presidente dos Estados Unidos da América (EUA), *Jimmy Carter*, planejou uma visita à *Polônia*, em plena época da Guerra Fria. O discurso de *Carter* foi cuidadosamente elaborado, mas acabou chamando mais atenção do que o planejado.

O linguista *Steven Seymour*, contratado por 150 dólares ao dia para traduzir o discurso do presidente, acabou dizendo, em polonês, que *Jimmy Carter* "desejava os poloneses carnalmente". O que de fato havia sido dito pelo presidente era que ele queria saber mais sobre os desejos dos poloneses para o futuro. Mesmo o inocente comentário de *Carter* de que estava contente em visitar a *Polônia* saiu como um inusitado: "estou contente por agarrar as partes privadas da *Polônia*".

Seymour, desnecessário dizer, foi sumariamente demitido de sua função e sequer chegou ao jantar de confraternização ocorrido naquela mesma noite, quando um tradutor polonês foi contratado para o serviço de intérprete. *Jerzy Krycki*, que havia trabalhado para a *Embaixada Americana* em *Varsóvia*, também não foi a solução do problema. Durante o banquete organizado para os líderes de Estado, *Jimmy Carter* se levantou e propôs um brinde. Após sua primeira frase, o intérprete permaneceu em silêncio. O presidente americano disse outra frase, e esperou. Mais silêncio. Ocorre que *Krycki* não tinha ideia do que *Jimmy Carter* estava dizendo, porque não conseguia entender o seu inglês, optando por manter-se calado em vez de cometer as mesmas gafes do intérprete anterior. No final da história, o intérprete do líder polonês *Edward Gierek* intercedeu e fez o serviço.

Por que as pessoas aprendem inglês? Naturalmente, por se tratar de uma língua importante. Mas para que fim, especificamente? Para oferecer serviços em inglês, como dar aulas ou fazer traduções? Para ler livros originalmente escritos na língua inglesa? Para viajar e se beneficiar do inglês como uma segunda língua? Para entender melhor muitas das informações disponíveis na *Internet*? Para momentos de entretenimento com *games*, músicas, ou programas de TV? As razões são inúmeras e você certamente pode ter pensado em muitas outras além das listadas acima. O mesmo pensamento vale para outras línguas estrangeiras. O importante, em qualquer caso, é você saber o que quer, e se preparar adequadamente para consegui-lo, fazendo uso da melhor metodologia para conquistar seu objetivo. Do contrário, poderá até acabar causando um incidente diplomático!

A metodologia instrumental tem como finalidade capacitar o aluno em diferentes habilidades da língua estrangeira com maior rapidez, possibilitando um melhor desempenho acadêmico e profissional. Uma das prioridades do Inglês Instrumental é atender às necessidades e aos interesses dos alunos, de maneira precisa e com o conteúdo de que o aluno necessita para alcançar seu objetivo.

Além disso, a metodologia instrumental possui objetivos definidos, está centrada em uma linguagem que está de acordo com as especificidades de cada habilidade – compreensão oral, produção oral, leitura e/ou escrita –, e os conteúdos estão relacionados às atividades específicas. Tem a característica de *taylor made*, exatamente com o conteúdo de que o aluno precisa para alcançar seu objetivo.

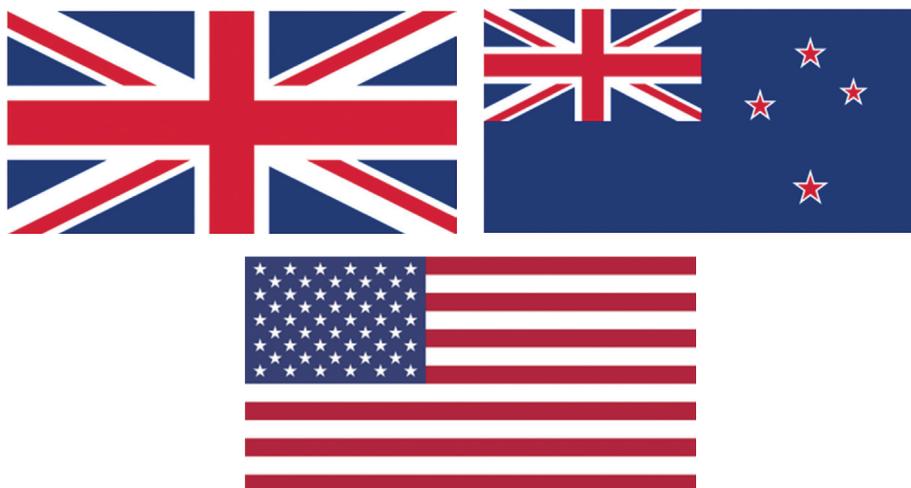
Taylor made significa "feito sob medida", uma característica da metodologia instrumental, concebida com base em conteúdos, linguagem e atividades para o ensino da língua inglesa e sua utilização em fins específicos.

Na área acadêmica, o estudo da leitura da língua estrangeira, principalmente a língua inglesa, é imprescindível.

É preciso enfatizar que a leitura está presente em nossas vidas e é o principal aspecto constituinte do pensamento crítico. A leitura em língua

inglesa contribui para a formação e o desenvolvimento cultural, social e intelectual do aluno, pois o inglês é a língua oficial de mais de 40 países, como primeira e/ou segunda língua.

Explicativo

Figura 6 – Bandeiras de países de língua inglesa

Fonte: indisponível.

A língua inglesa é o idioma oficial (ou *de jure)* de mais de 40 países. No entanto, nem todos os países que adotam essa língua como idioma oficial utilizam o inglês no dia a dia (ou *de facto*). Os países com adoção *de jure et de fato* são somente os *EUA*, *Nova Zelândia*, e os que integram o *Reino Unido* (Figura 6). Todos os demais são apenas *de jure*.

Sendo assim, a proficiência em leitura passou a ser uma das metas do ensino de língua estrangeira (LE) e hoje há uma tendência em aceitar as diferentes abordagens e unir diferentes metodologias, técnicas/procedimentos e estratégias de leitura.

As políticas educacionais vigentes no *Brasil* pedem para que se priorize a habilidade da leitura no ensino-aprendizagem de língua estrangeira, já que essa é uma atividade comunicativa que possibilita ao aluno ser mais fluente em menos tempo, comparando-se com outras habilidades comunicativas. Além disso, a leitura propicia diversas possibilidades de utilização imediata dentro do contexto real do aprendiz, independentemente da classe social a que ele pertence conforme sugerido nas propostas dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) (BRASIL, 1997, 1998).

Explicativo

Quer aprender mais sobre inglês para fins específicos? Acesse o *link* a seguir e leia o artigo de *Orlando Vian Jr.*, que discute definições de Inglês Instrumental, Inglês para Negócios e Inglês Instrumental para negócios: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501999000300017&script=sci_arttext&tlng=em>.

Figura 7 – Artigo *Inglês Instrumental, Inglês para Negócios e Inglês Instrumental para Negócios*

Inglês Instrumental, Inglês para Negócios e Inglês Instrumental para Negócios

(English for Specific Purposes/ESP, English for General Business Purposes and English for Specific Business Purposes)

Orlando VIAN JR. *(LAEL, PUC-SP/CNPq)*

*"The falcon cannot hear the falconer".
Is the ESP ' falcon' beginning to fly so far that
it can no longer hear the call of the ESP 'falconer'?
"Things fall apart; the centre cannot hold". Is ESP
falling apart, is the ESP 'centre' unable to hold?
Is the 'ceremony of innocence' for ESP at an end?
Are we faced with a 'second coming' in ESP, and
if so, what does this mean for its future?*[1]
Alan Waters, 1994.

Fonte: *Scielo* (1999).

Atenção

Uma das prioridades do Inglês Instrumental é atender às necessidades e aos interesses dos alunos.

1.5 NÍVEIS E ESTRATÉGIAS DE LEITURA

Lendo as seções anteriores desta Unidade, entendemos a importância da proficiência na leitura da língua inglesa, além de seu valor como atividade comunicativa e de sua contribuição para a formação e o desenvolvimento cultural, social e intelectual do aluno. Mas será que é possível ler de diferentes modos, dependendo do que buscamos, como leitores?

Todo leitor, antes de iniciar a leitura, deve estabelecer seu objetivo em relação ao texto. Podem-se obter informações superficiais ou específicas, de acordo com cada tipo de texto e com as próprias necessidades desse leitor.

Há diferentes níveis de leitura, conforme nossos interesses: há uma leitura rápida de jornal ou uma leitura detalhada de um manual de instruções, ou, simplesmente, uma leitura com fins de lazer. Enfim, ninguém lê sem objetivos; no entanto, esses objetivos podem ser diferentes.

Figura 8 – Como é que você lê as notícias em um jornal? Você dedica igual atenção a todas elas, independentemente de seu interesse? Ou você primeiro faz uma leitura mais geral, para localizar as manchetes ou trechos de notícias que são mais relevantes para você? Possivelmente o segundo caso. Da mesma forma, se você está lendo um livro por entretenimento ou um manual de instruções, o tipo de leitura que você faz vai variar, dependendo do caso.

Fonte: imagens da *Internet* (20--?).

Muitas vezes vemos objetos, pessoas, textos e não os lemos com atenção porque não nos interessam, mas, à medida que necessitamos da informação que eles oferecem ou nos interessamos pelo assunto que suscitam, passamos a prestar mais atenção neles, a percebê-los, e, nesse momento, eles começam a fazer sentido para nós. Começam a ter significado a partir de nossas necessidades, de nossos olhares, de nossas diferentes leituras de mundo. É possível que dois leitores com objetivos diferentes extraiam informações distintas de um mesmo texto.

Há quatro níveis de leitura (Figura 9) que podem ser atingidos quando entramos em contato com um texto:

Figura 9 – Níveis de leitura

Fonte: produção do próprio autor (2017).

a) **compreensão geral:** é obtida por uma leitura rápida, feita para captar as informações genéricas de um texto. Acontece quando passamos os olhos superficialmente no texto ou objeto: fazemos um sobrevoo pelo texto lido. Para isso, o leitor deve fazer uma predição do assunto, recorrendo a seus conhecimentos prévios linguísticos, discursivos e de mundo, às informações verbais e não verbais presentes no texto;

b) **compreensão de pontos principais:** exige que o leitor se detenha com maior atenção na busca das informações importantes do texto, observando cada parágrafo para identificar os dados específicos mais relevantes. Acontece quando nos atentamos a determinados pontos e buscamos as informações que nos interessam. Na busca de sentidos, de um dado ou de significados, passamos a entender melhor o texto.

   É muito comum que a ideia principal de um parágrafo apareça na primeira oração e que as demais frases apenas desenvolvam essa ideia central.

   O parágrafo é a unidade de composição constituída por um ou mais períodos, e contém em si um processo completo de raciocínio. Primeiramente, é introduzida a ideia central/principal e, na sequência, as ideias desenvolvidas estão intimamente relacionadas a ela. A ideia principal do parágrafo é chamada de **tópico frasal**. Veja o exemplo no parágrafo a seguir, em que o tópico frasal, por meio de declaração inicial, tem destaque:

> Muitas vezes o mau uso dos suportes tecnológicos pelo professor põe a perder todo o trabalho pedagógico e a própria credibilidade do uso das tecnologias em atividades educacionais. Os educadores precisam compreender as especificidades desses equipamentos e suas melhores formas de utilização em projetos educacionais. O uso inadequado dessas tecnologias compromete o ensino e cria um sentimento aversivo em relação à sua utilização em outras atividades educacionais, difícil de ser superado (TÓPICO..., c2017).

Identificar o tópico frasal, também conhecido como **tópico** ou **frase síntese**, é crucial para a compreensão do texto. O tópico frasal, além de determinar a ideia principal do parágrafo, é responsável por seu desenvolvimento, gerando períodos secundários ou periféricos, e, caso identificado, facilita a compreensão do texto;

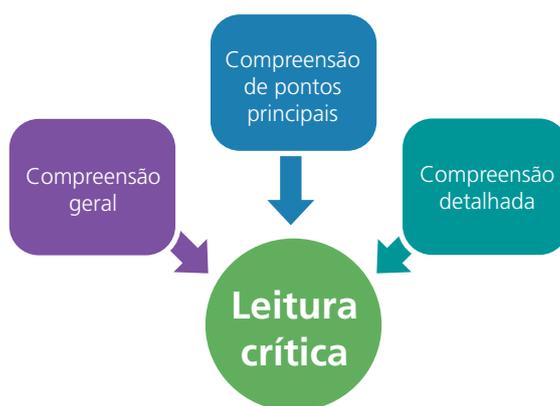
c) **compreensão detalhada:** este tipo de leitura é mais profundo que os anteriores. Exige a compreensão de detalhes do texto e demanda, por isso, muito mais tempo. Neste caso a leitura deve ser cuidadosa, especialmente quando aplicada a instruções operacionais de equipamentos, experiências etc., de modo que seu funcionamento seja preciso e seguro;)

d) **leitura crítica:** está relacionada à capacidade de analisar um texto em seus vários aspectos – desde seu conteúdo referencial, as informações, até sua estrutura, sua expressão. A partir dessa análise, o leitor está apto a opinar sobre as ideias e posturas ideológicas colocadas pelo autor. Nem tudo o que está escrito é verdadeiro. Temos de formar leitores críticos e eficientes.

Tanto a compreensão detalhada como a leitura crítica exige mais profundidade no texto, pois ambas requerem a compreensão de particularidades para que se entenda com clareza as ideias do autor. Em outras palavras, é preciso ler nas entrelinhas. Esses tipos de leitura também envolvem a avaliação e o questionamento dos argumentos do autor, bem como as evidências usadas para fundamentar o texto, e implicam as capacidades de formar uma opinião sobre o conteúdo do texto e a de justificar e sustentar posições como leitor.

Na leitura crítica, o aluno deve ser capaz de analisar um texto em seus vários aspectos, desde seu conteúdo referencial às informações, sua estrutura e o contexto histórico/social em que foi escrito.

É importante situar o ensino da leitura crítica dentro de um programa de curso de graduação ou pós-graduação.

Figura 10 – Leitura crítica

Fonte: produção do próprio autor (2017).

A compreensão de um texto é uma tarefa complexa e, por isso, o leitor deve saber escolhê-lo, definir seus objetivos e saber utilizar técnicas para uma boa leitura. A leitura crítica deve ser estimulada desde o início do trabalho de compreensão de textos, na predição, formulação de hipóteses,

envolvendo o conhecimento prévio (*background knowledge*), compreensão de frases e sentenças (conhecimento linguístico), compreensão dos argumentos do texto, dos objetivos, do contexto semântico e também envolvendo o conhecimento sobre a organização textual. Dessa maneira, o leitor conseguirá, durante o processo de leitura detalhada, uma compreensão crítica bem mais completa e aprofundada.

Agora que já sabemos o que é leitura instrumental, que já aprendemos a identificar os diferentes níveis de leitura, vamos passar a estudar as várias estratégias que podemos utilizar para uma perfeita compreensão dos textos em língua estrangeira. Ter clareza sobre os objetivos de leitura ajudará a definir as estratégias que devemos utilizar para compreender os diferentes tipos de texto. Vamos estudá-las e, principalmente, vamos praticá-las! A partir das próximas Unidades, você vai, progressivamente, ter mais oportunidades de aplicar a metodologia instrumental e perceber que é muito mais capaz de ler na língua estrangeira do que imaginava.

RESUMO

Na Unidade 1, vimos que a leitura é um processo abrangente que envolve vários fatores: psicológicos, sociais e intelectuais. É um fenômeno sócio-histórico, portanto sofreu e sofre transformações. É, ainda, um processo ativo e uma experiência individual.

Considerar a leitura como um processo ativo não apenas leva em conta a importância que o conhecimento de mundo e as experiências vividas do leitor têm no exercício da leitura, como também considera a possibilidade de tomada de consciência por parte dele sobre as estratégias das quais ele fez ou pode vir a fazer uso para otimizar sua leitura.

O *English for Specific Purposes* (ESP)/Inglês para fins específicos/Instrumental é uma abordagem centrada no aluno, planejada para desenvolver competências e habilidades específicas. Por sua vez, pode abarcar as demais habilidades (competências leitoras, escritoras, de fala – expressão oral – e compreensão). Portanto, a leitura instrumental em língua inglesa é uma das modalidades do ESP.

Dependendo do nosso objetivo de leitura de textos técnicos, científicos ou de assuntos gerais, utilizamos vários níveis de leitura. Eles podem variar desde o nível da compreensão geral, passando pela compreensão somente dos pontos principais ou até visar a uma compreensão detalhada do assunto.

Vimos que a leitura deve ser sempre crítica, temos que ler analisando as informações do texto, sua estrutura, e devemos estar atentos às posturas ideológicas colocadas pelos autores.

Sugestão de Leitura

GRELLET, F. **Developing reading skills**: a practical guide to reading comprehension exercises. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

LEFFA, V. J. **Ensaios:** aspectos da leitura. Porto Alegre: D. C. Luzzatto, 1996.

NORTE, M. B. **Experiência docente:** leitura instrumental em Língua Inglesa e termos técnicos da Ciência da Informação. 2009. 331 f. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Filosofia e Ciência, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

NORTE, M. B. Leitura. In: NORTE, M. B.; SCHLÜNZEN JUNIOR, K.; SCHLÜNZEN, E. T. M. (Coord.). **Língua inglesa**. São Paulo: Cultura Acadêmica (UNESP), 2014. p. 124-171. (Coleção Temas de Formação, 4). Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/179739>. Acesso em: 10 fev. 2020.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação na cidade**. [S.l.: s.n.], 1991.

HUTCHINSON, T.; WATERS, A. **English for specific purposes:** a learning-centred approach. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

TÓPICO frasal. **Escrita Acadêmica**, [S.l.], c2017. Disponível em: <http://www.escritaacademica.com/topicos/construcao-de-sentido/topico-frasal/>. Acesso em: 13 jan. 2017.